

LIÇÕES DA DOR

> Professores debatem formas pedagógicas de criar uma cultura de tolerância nos campi

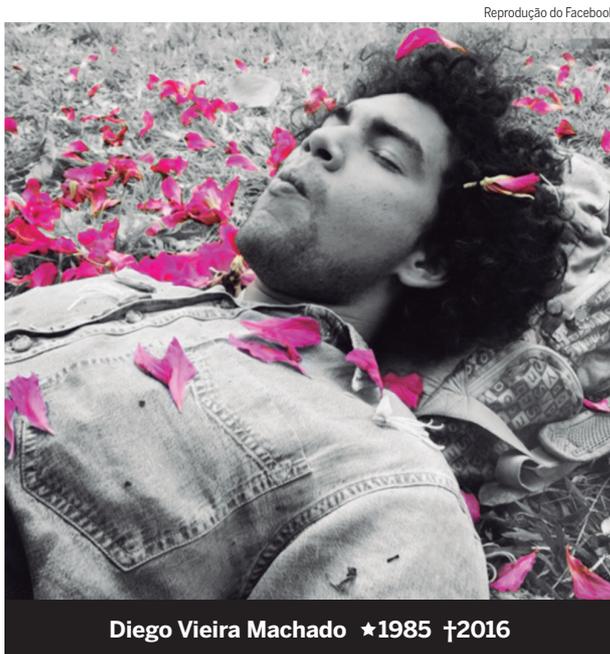
SILVANA SÁ

silvana@adufjrj.org.br

O bárbaro assassinato do estudante Diego Vieira Machado acendeu o debate sobre violência na UFRJ e colocou uma dúvida no cotidiano dos professores: como eles podem intervir pedagogicamente para reduzir o preconceito e estimular o respeito às diferenças na academia?

“É necessário que os professores se engajem verdadeiramente neste debate”, defende Ana Paula Moura, da Faculdade de Educação. “É inconcebível que a gente ainda admita homofobia, racismo, machismo. É preciso compreender as raízes históricas e propor intervenções”.

Algumas unidades têm como objeto de estudo o combate às opressões e podem utilizar matérias acadêmicas para fomentar o debate. “Temos a disciplina



Diego Vieira Machado ★1985 †2016

Questão de Gênero no Brasil, mas a atuação do professor não deve se limitar a uma disciplina”, diz Andréa Moraes, do Serviço Social.

Ela considera que o mais importante é estabelecer uma relação de confiança

com os alunos. “O professor é uma ponte entre o estudante e a universidade. Existem casos em que eles nos pedem ajuda porque há confiança. Mas o professor não pode estar sozinho. É preciso que haja uma estrutura para acolher esse aluno”, aponta Moraes.

Uma dessas estruturas é a ouvidoria. A ouvidora, professora Cristina Riche, acredita que os docentes têm potencial para identificar e intervir em situações de violência. “As pessoas são muito silenciadas. Precisamos fazer de demandas individuais conquistas de direitos coletivos”, analisa.

Ela defende que a universidade realize mais ações de acolhimento e que as Comissões de Orientação e Acompanhamento Acadêmico sejam ferramentas de apoio aos estudantes em situação de vulnerabilidade. Veja no verso os canais de comunicação da Ouvidoria da UFRJ.

EDITORIAL

TATIANA ROQUE

Presidente da ADUFRJ

Estamos consternadas com o assassinato de Diego. Um estudante nosso, negro e homossexual, morto dentro do campus do Fundão. Momento difícil e triste. Precisamos prestar solidariedade à família e aos amigos. Precisamos acolher a insegurança e as reivindicações de nossos estudantes. Precisamos combater o racismo, a homofobia e todas as formas de preconceito, sobretudo porque

somos uma universidade e temos o papel de educar para as diferenças e para a convivência democrática. Precisamos também encontrar soluções urgentes para a segurança e para as condições de moradia no campus do Fundão.

Os desafios e problemas são diversos, mas conexos. Não pode haver contradição entre, por um lado, intensificar ações de combate ao racismo e à homofobia e, por outro, encontrar soluções concretas para aumentar a segurança e a sensação de segurança no campus. Iluminação, transporte,

algum controle de entrada e saída de pessoas, vigilantes treinados e presentes, medidas para tornar o Fundão mais frequentado à noite e nos fins de semana, vagas adequadas para o alojamento estudantil. Trata-se de medidas urgentes e que estão ao nosso alcance. Condições precárias e insalubres são propícias para situações de risco, para crimes em geral e para crimes de intolerância, como racismo e homofobia. É nossa responsabilidade proteger nossa comunidade e, em particular, nossos estudantes.

Alunos reivindicam segurança

> Documento, aprovado em assembleia do alojamento, lamenta a morte do colega **Diego Vieira Machado** e apresenta os problemas de infraestrutura do local

SAMANTHA SU

Estagiária e Redação

Ainda impactados pela morte do colega Diego, os estudantes do Alojamento da UFRJ realizaram uma assembleia no domingo (3). Eles aprovaram, junto de uma nota de pesar aberta à comunidade acadêmica, um conjunto de demandas para serem levadas à reitoria.

Eles reivindicam, entre outros pontos: melhoria na iluminação do campus; a criação de uma comissão de segurança pública que congregue os estudantes; o

acompanhamento de saúde mental para os moradores do alojamento; intervalos menores dos ônibus internos que circulam entre o alojamento e a Vila Residencial. Também pedem investimento em cultura, esporte e lazer no Fundão. Confira a íntegra da carta em www.adufrj.org.br

ATO EM MEMÓRIA

No dia 6 de julho, um ato em memória a Diego foi realizado por estudantes da Faculdade de Letras. O protesto reuniu cerca de trezentas pessoas e palavras de combate à homofobia, ao racismo e ao fascismo dominaram a atividade.

CAMPANHA "NÃO SE CALE"

Em maio deste ano, a universidade lançou a campanha "Não se Cale" para receber denúncias de opressões e violências por meio do e-mail: contato@naosecale.ufrj.br. Em julho, mês do orgulho LGBT, o tema da campanha foi o combate à LGBTfobia. Discriminação racial, machismo e questões relacionadas a ensino e trabalho também são o enfoque da campanha.

Outro meio de denúncias na UFRJ é a Ouvidoria Geral, através do telefone 3938-1619/1620 de 9h às 16h. No site, www.ouvidoria.ufrj.br, é possível também realizar denúncias anonimamente.

Bernardo Guerreiro/Mídia Ninja



Estudantes defendem diversidade

Kelvin Melo



Comunidade unida pede paz

ARTIGO: PARA OUVIR O QUE NÃO FOI OUVIDO

DENILSON LOPES*

Professor Associado da ECO/UFRJ

Há um corpo morto que paira sobre a UFRJ. Não foi o primeiro e talvez não seja o último. Há muitos outros mais pelo Brasil a fora. Mas esse corpo morto é o que temos. Não sei o que nós, professores, funcionários e estudantes, reitorias, associações e sindicatos fizemos. Se algo foi feito, foi insuficiente. Há sussurros que falaram de milícia, de estupro de estudantes no alojamento, no Fundão. E por que não ouvimos esses balbucios? Por que não os levamos a sério e estamos reduzindo esta e

tantas outras mortes a uma questão de segurança? Novamente nós nos damos as mãos nos sinceros pêsames à família do estudante morto para depois irmos dormir com a consciência do dever cumprido e possamos nos preocupar se nossos programas de pós serão melhor avaliados, se nossos artigos sairão em revistas internacionais qualificadas, se haverá aumento de salário e com que idade vamos nos aposentar... Só tenho dúvidas e falta falar muitas coisas, coisas complexas que devem ser nomeadas. Classismo. Misoginia. Racismo. Homofobia. Falta sobretudo estarmos juntos... Olho a foto dele. Aquela em que ele está de

calças rasgadas e o sorriso sedutor. Ele fez a mesma disciplina que tenho oferecido desde que comecei a trabalhar aqui. Poderia ter sido meu aluno, mas não foi. Já tive uma aluna que morreu em circunstâncias não de todo explicadas. Sim, houve outros mortos. Quantos mais haverá quando lemos as ameaças enviadas aos estudantes? Diego, prefiro ficar com aquele seu sorriso. Gostaria de poder ouvir o que deveria ter ouvido há muito mais tempo. Talvez ainda não seja tarde demais. Para nós. Diego, carregue os seus lábios nos meus.

*Artigo encomendado pela ADUFRJ ao professor